

SBT Brasil quer opinar

Gabrielli Dala Vechia*

O horário e a emissora são os mesmos, 19h30min, no SBT. O cenário, a trilha e a abertura também se mantêm, desde março do ano passado. Mas, as figuras que entraram nas nossas casas apresentando um SBT Brasil que começou com pautas atemporais e terminou com um vídeo que está bombando (sic) na web, são outras. O SBT Brasil está de caras novas, de novo: Carlos Nascimento e Karyn Bravo deram lugar a Joseval Peixoto, que tem, nessa empreitada, sua estréia televisiva após 56 anos de rádio, e Rachel Sheherazade, que tem onze anos de televisão, na Paraíba.

Uma simples troca de apresentadores no SBT Brasil, porém, não mereceria uma crítica, já que se trata de um fenômeno constante: prestes a completar seis anos – o telejornal estreou em 15 de agosto de 2005 – cinco jornalistas já passaram pela bancada. O que me interessa discutir aqui é a forma como essa mudança de mediadores está ligada a uma tentativa de transformação nos valores de construção do telejornal. A nova palavra de ordem é opinião.

A intenção de formatar o SBT Brasil em moldes analíticos e opinativos já estava escancarada na escolha dos apresentadores, ou, pelo menos, da apresentadora. Rachel foi convidada a trabalhar na emissora por intermediação direta de Sílvio Santos, que teve contato com um vídeo da jornalista, publicado no youtube, em que, na quarta-feira de cinzas, ela lamenta o caráter “pão e circo” do carnaval e convoca os cidadãos a voltarem a viver a vida real, para tentar construir, na prática, motivos concretos para se comemorar a brasilidade.

O discurso da necessidade de um jornalismo opinativo foi reiterado nas chamadas veiculadas na programação da emissora, que anunciavam as mudanças. Frases como “falar o que eu penso, este é meu compromisso com você” ou “no jornalismo brasileiro falta opinião, falta personalidade” foram criando expectativas e dando pistas do que se podia esperar para a estréia. No chat com os internautas, que aconteceu logo após o término da edição do dia, o assunto volta à tona: de acordo com os novos apresentadores do SBT Brasil (ou será que agora seriam âncoras?), o que os telespectadores terão, a partir de agora, serão as opiniões pessoais de dois formadores de opinião, e que é exatamente esse exercício que vai garantir transparência no fazer jornalístico.

Embora a proposta do novo SBT Brasil não traga transformações inéditas, nem tão marcadas ao telejornalismo brasileiro, a ideia me pareceu bem arquitetada: substituiu-se o modo, já cristalizado, de construir credibilidade a partir do que se entende por objetividade ou imparcialidade – que, de acordo com os próprios apresentadores, era a forma de se fazer jornalismo antes deles – para obter transparência através da opinião. Interessante. Mas, a questão que fica é: como foi que esses novos valores foram operacionalizados em um produto final?

Para quem, como eu, foi construindo suas expectativas sobre o que seria o ‘novo’ SBT Brasil a partir do que se enfatizou previamente, ou seja, a questão da opinião, teve que fazer algumas negociações com o que foi oferecido na primeira edição do telejornal.

Para o bem da minha ansiedade analítica, a matéria de abertura já veio seguida de um comentário. A pauta, que tratava as relações entre chefes e funcionários era leve e bem humorada – até demais para abrir o noticiário que se propõe a ser o carro-chefe da emissora em termos de jornalismo. E o (tão esperado) comentário seguiu a mesma linha, com Joseval elencando características do seu primeiro e do seu último chefe: leve, divertido e, eu diria mais, desnecessário.

Uma matéria sobre famílias que estão utilizando as redes sociais para melhorar a comunicação e se manter em contato foi o mote para o segundo comentário, dessa vez, de Rachel. Nova quebra de expectativas: em resumo, a apresentadora disse que as relações interpessoais não podem ser substituídas pelas mediadas.

A prudência me fez não desligar a televisão e fazer um relato raivoso sobre um telejornal que embala *achismos* e vende como opiniões. Fiz bem, já que o que veio após foi mais coerente com o que vinha sendo anunciado: foram expostos pontos de vista interessantes sobre a defesa da Amazônia e sobre a preparação do país para sediar a Copa do Mundo de Futebol. Opiniões, porém, comedidas, partilhadas, sem polêmica. Nada semelhante a criticar duramente o carnaval na cara dos foliões. Obviamente, opiniões moderadas são desculpáveis: é sabido que as transformações em um telejornal de horário nobre e canal aberto acontecem em doses homeopáticas.

Para além da vontade de opinar, o ‘novo’ SBT Brasil trouxe, nesta primeira edição, dois pontos que, talvez, passem despercebidos pela audiência, mas que brigam feio com os padrões institucionalizados de como se constrói um telejornal.

Primeiramente, parece que o telejornal começou errado, no sentido de que minha expectativa, construída em anos de assistência, esperava o factual, o atual, a *hard news*. Mas, as primeiras três matérias não têm gancho com a atualidade e ocupam quinze minutos da edição: desde quando é possível que o assassinato da quarta pessoa que denunciou retirada ilegal de madeira da Amazônia ganhe uma nota coberta de poucos segundos e os caminhões-restaurantes de Nova York ganhem matéria completa, com passagem e sonoras? Será que, além de opinar, o novo telejornal está repensando, re-configurando ou flexibilizando os valores-notícia? Deixo a mesma questão no que se refere ao encerramento do telejornal: um vídeo do youtube que mostra dois gatos se abraçando. Desde quando estar “bombando na internet” – como descreveu a apresentadora – é critério de veiculação no telejornal? Será uma tentativa infeliz em se aproximar com o suporte web?

Em se tratando das questões que tencionam os valores jornalísticos, é preciso que acompanhem as cenas do próximo capítulo para verificar, com propriedade, se o noticiário vai se propor, de fato, a experimentações nesse sentido.

Já sobre a vontade, explícita e repetitiva, de fazer do SBT Brasil um telejornal de opinião, a discussão está lançada: os apresentadores consideraram que atingiram seus

objetivos; eu, como telespectadora e jornalista, tenho minhas dúvidas. Como telespectadora, questiono a fronteira entre um achismo e uma opinião embasada, que é o que se espera de formadores de opinião –alcunha auto-imputada pelos apresentadores. Afinal, eu não liguei a televisão para que a Rachel Sheherazade me diga que nenhum facebook substitui a relação carne e osso. Como jornalista, questiono se, de fato, opinião é garantia de qualidade jornalística.

Como a crítica não serve para resolver problemas, e sim, para apontar questões, as dúvidas estão lançadas.

:: Gabrielli Dala Vecchia é jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Maria e bolsista CNPq de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA.